COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Poesia Reunida (1985-1999) com o livro inédito Os Amantes Obscuros', de Luís Filipe Castro Mendes]

Liberto Cruz

Para citar este documento / To cite this document:

Liberto Cruz, "[Recensão crítica a 'Poesia Reunida (1985-1999) com o livro inédito Os Amantes Obscuros', de Luís Filipe Castro Mendes]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 440-441.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

o próprio corpo, de que *Autoportrait* (2000) é exemplo, numa exploração das fronteiras sensoriais do prazer, que é também ultrapassagem dos limites corporais. De facto, além de o primeiro título de Luís Miguel Nava — *Películas* — indiciar uma série de «ligações perigosas» com a fotografia, cada um dos seus poemas parece emitir uma luminosidade excessiva: «... um texto a que preciso de habituar o olhar como a uma luz mais forte.» (p. 67.)

Gerado pela visão, o poema ilumina, mesmo que essa luz se metamorfoseie em «trevas a romper / a carne» (p. 225), num registo já próximo do fim, coincidente, infelizmente para nós, com o desaparecimento do autor, mas também com o final do século. De certa forma, esta noite será também um outro modo de falar da luz, da exposição sistemática a que o corpo esteve submetido, de tal maneira que «o próprio nome era uma ferida, através da qual a carne supurava» (p. 245). Luz gerada, que ilumina mas corrompe, esse é o reverso de um programa poético — «empresto à página os meus ossos e ao escrever / é como se tivesse a mão dentro dum espelho» (p. 115) — que assume o corpo como um dos seus fetiches principais.

Se em *Rebentação* encontramos o poeta mergulhando no real, quer o mergulho seja ou não metáfora do conhecimento do corpo, em *Vulcão* deparamos com uma voz que denuncia já um certo cansaço desse trabalho. A carne luminosa dos poemas iniciais transforma-se agora em matéria corrompida por cicatrizes, fluido corporal que se expele, corpo em erupção. Apesar de finalizado, este «crepúsculo» do corpo não deixará de ser um luminoso húmus, porque nos legou os seus poemas, a cuja «rebentação» estamos expostos.

José Pedro Ferreira

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES

POESIA REUNIDA (1985-1999)
COM O LIVRO INÉDITO
OS AMANTES OBSCUROS

Col. Poesia

Lisboa, Quetzal Editores / 1999

Não sei se por moda, se por mera coincidência, vários poetas revelados nos anos 80 têm-se ultimamente apressado a reunir num só volume os livros já publicados, ainda que parcos ou de poucos poemas. O fenómeno é curioso porque parece contradizer as editoras e vários publicistas quando afirmam com certa frequência que a poesia, entre nós, não se vende nem tem leitores, apesar de sermos um povo de poetas. Partindo do princípio, talvez errado, de que essa colectânea de livros aparecida num só volume significa ter havido um número importante de compradores e, eventualmente, de leitores das obras reeditadas, somos forçados a concluir que o mercado poético satisfaz, de igual modo, poetas, editores e leitores. Será que um autor ainda jovem, na idade ou na estreia em livro, se torna mais notório uma vez aparecido em volume reunindo a sua curta ou vasta produção? Ou haverá razões poéticas que a razão prosaica desconhece?

Luís Filipe Castro Mendes, que publicou o primeiro livro, *Recados*, no ano de 1983, apresenta-nos agora *Poesia Reunida (1985-1999)* incluindo o livro inédito *Os Amantes Obscuros*. Fica fora de reunião o livro de estreia, e de *Seis Elegias e Outros Poemas* (1985) só figuram as seis elegias. Os «outros poemas» desapareceram sem qualquer justificação do Autor. Temos assim uma quase reunião dos livros de poemas — sete, no total — publicados por Luís Filipe Castro Mendes entre 1985 e 1999.

Mas há nesta prática uma indubitável vantagem tanto para o leitor como para o crítico: a possibilidade de uma visão do conjunto das obras do A. O que se nos revela então aqui? Uma poesia discreta, magoada, repleta de interrogações, em que afloram constantemente os temas do amor e da morte.

Nunca chega, porém, a haver tragédia nesta postura poética. A linguagem do Autor é sempre dirigida de uma forma comedida, sóbria e atenciosa: dir-se-ia de uma ânsia expectante, uma contínua e constante espera de quem procura alcançar o que parece contundente. Assim, de maneira sibilina e leve, mas quase sempre sedutora, se encaminha este hábil discurso. O método nem sempre consegue atingir o pretendido e o que o leitor esperava: imagens forçosamente rebuscadas ou pretensamente simples vão desfigurando os versos de poemas prometedores que se afiguravam vir a ser belos. Diga-se, no entanto, e em abono da verdade, que, se estas minhas reservas se ajustam a algumas composições dos primeiros livros, deixam de ser válidas e adequadas para os publicados a partir de *Viagem de Inverno* (1993). Entretanto, talvez o A. se tenha apercebido de que os poetas esquecidos «São nota de rodapé / para a posteridade» (p. 151). Surge assim uma nova voz, timidamente agressiva, onde a ironia e um humor subtil tentam irromper. O poeta ganha ofício e a factura dos versos é mais aberta, mais livre e despojada, recorrendo à memória de tempos passados e envolvendo a música e a pintura no seu itinerário. Luís Filipe Castro Mendes inicia nova trajectória onde o amor e a morte nunca deixam de estar presentes. Um sopro de nostalgia e felicidade expresso em tom bucólico ressalta dos seus versos e surpreende pela beleza sugerida

e a paz conquistada. A evocação de vários poetas ou a lembrança de um simples verso são «motivo de beleza» para novas incursões onde a amizade, a admiração, a ternura e o entusiasmo se destacam e se inscrevem nos textos. As viagens efectuadas e os lugares visitados e secretamente guardados em inesquecíveis escaninhos desprendem-se do recôndito e partilham com o leitor as impressões causadas e os prazeres conseguidos.

«E chegámos ao templo», direi agora aproveitando um verso da página 343. Só que o templo não é Paestum mas o livro inédito desta poesia reunida: *Os Amantes Obscuros*, também título de um dos poemas nele inseridos.

É sob a égide de Jorge de Sena — em epígrafe: «De mim a ti, de ti a mim, / quem de tão longe alguma vez regressa?» — que se apresenta a mais recente obra de Luís Filipe Castro Mendes. Constituída por vinte e nove poemas, confundindo com mestria a forma clássica e a moderna, nela surgem aproximações de Camões, Sá de Miranda, Ruy Cinatti, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, tendo em vista, depreende-se, reforçar condignamente as variações do tema predilecto do A.: «a ferida que dói e não se sente».

Sabendo que «com palavras vulgares / se diz o mal de amor» (p. 419), é numa euforia ora tranquila ora exaltada, mas sempre consciente de «que a manhã / do amor só surpreende quando é tarde» (p. 422), que o poeta vai glosando sob o «ardor de imaginar». Ardor que o leva a projectar esperança e certeza, intranquilidade e receio, êxtase e angústia, medo e morte. Enfim, uma amargura arrebatada e lúcida que alcança nesta poesia reunida um dos momentos altos e muito belos da poética de Luís Filipe Castro Mendes.

Liberto Cruz

ANTÓNIO CABRITA

ARTE NEGRA

Col. Fenda Luminosa

Lisboa, Fenda Edições / 2000

O grande escritor — e homem de aventuras — Henry Miller, em *O Tempo dos Assassinos*, ensaio sobre Rimbaud editado entre nós pela Hiena Editora em 1985, não descurando embora o problema da linguagem, centra a sua noção romântica e heróica de poeta na figura do aventureiro, naquele que escreve com as próprias entranhas, com o próprio sangue. Visão sectária e apaixonada, de onde é excluído o poeta que, em «viagem estática» — Mallarmé, Pessoa, Eliot, António Ramos Rosa, por exemplo —, funda quase exclusiva mas tão elevadamente a sua aventura como aventura da linguagem.

Romancista, dramaturgo, homem e crítico de cinema, quanto a mim poeta antes de tudo, António Cabrita é o paradigma da fusão dos dois pólos acima esboçados, tendo quanto baste de «movimentação errática» e navegando em profundas e agitadas viagens no que se refere à linguagem. Não por acaso, na contracapa do livro figuram dois versos de Derek Walcott: «Sob o coral branco do cérebro / há um formigueiro furioso.» Pode parecer algo enfática e excessiva esta introdução. Estou convicto de que não o é, pois estamos perante uma das mais notáveis obras de poesia portuguesa da década de 90 do século findo, pese embora o completo silêncio em seu torno por parte de certa crítica literária — cujo valor, no entanto, não ponho em causa —, oficial, académica e/ou de jornalismo opinativo, a mesma que tem, até agora, ignorado a importância de poetas do século XX tão altos como, por exemplo, João Pedro Grabato Dias, a mesma que pouca atenção tem dado à ficção quase-poética de Rui Nunes ou que desconhece em absoluto esse romancista, decerto «difícil» (e como se foge, hoje, ao «difícil»...), o perturbante Alberto Velho Nogueira, espécie de visionário transvanguardista de um apocalipse como que «integrado». Notoriamente, essa crítica tem privilegiado a tendência da poesia — não só portuguesa — que, desde finais dos anos 80, vem cultivando o retorno a um classicismo retórico e descritivista, de pendor neonaturalista, tendência surgida, não o ignoro, quase como uma necessidade histórica, num cenário de ruínas, após a — transitória ou definitiva — queda de várias vanguardas. António Cabrita pertence à família de poetas solitários, resistentes e «não alinhados» que, na senda de Rimbaud, entre o mais solar e o mais obscuro filão explosivo da palavra vivida e trabalhada, fazem brilhar a partir de dentro (ou inversamente... «por que raio se abre uma porta / para o escuro?», p. 46) o *negro* da sua *arte*. Ocorre-me citar James Joyce (sempre), Octavio Paz, José Lezama Lima, Henri Michaux, Dylan Thomas, Malcolm Lowry, Hugo Claus, alguns americanos próximos do imagismo e sucedâneos, alguns europeus a quem a experiência surrealista serviu como porto de escala, que não de ancoradouro conformista (há por aí muito surrealismo bolorento e de centro comercial...). Todos eles — e outros, muitos dos quais aparecem referidos ou aludidos em *Arte Negra* — recusaram o sentido morno do «poeticamente correcto», para se lançarem numa gloriosa «libertinagem» linguística. No presente livro, facilmente se observa o labor exaustivo da linguagem com que nos confrontamos, íntima dialéctica turbulenta de lamentosos sarcasmos («Lá fora chove,